

Horizontes (im)possíveis no estágio: práticas de letramento e formação de professores de línguas

Fernanda Santana Gomes*

O estágio consiste em um espaço legítimo da formação inicial docente, que, desde a vinculação à escola-campo até a etapa da regência, apresenta desafios, conflitos e impedimentos que precisam ser contornados pelos futuros professores.

Devido ao fato de ser uma “instância constitutiva do ser professor”, o estágio supervisionado configura-se como importante locus de formação crítica sobre a atividade do trabalho docente. Dado que nesse âmbito de aprendizagem do ofício docente os conflitos são constantes, torna-se necessário avaliar com acuidade os obstáculos da atividade e compreender como os professores problematizam e significam as situações do cotidiano educacional para adequar, reorganizar, produzir e/ou transformar suas atividades e, simultaneamente, desenvolver diferentes estratégias que possibilitem a capacitação do futuro docente para agir profissionalmente.

Retratando aspectos da realidade do estágio supervisionado, a coletânea **Horizontes (im)possíveis no estágio**: práticas de letramento e formação de professores de línguas, organizada por Carla Lynn Reichmann e Ana Lúcia Guedes-Pinto, apresenta um conjunto de 10 estudos que visam à problematização de discursos e experiências sobre o/no estágio, atentando para a integração de aspectos acadêmicos e profissionais na formação inicial docente.

Sob uma perspectiva dialógica, em diferentes níveis de discurso, a obra propicia um espaço profícuo para a reflexão sobre os (im)possíveis horizontes do estágio e suas manifestações na contemporaneidade, podendo ser um instrumento de ensino, análise e sistematização de intervenções e interlocuções para professores que ministram disciplinas de estágio em suas esferas de atuação, assim como para graduandos em formação inicial docente no tocante ao futuro exercício da profissão.

Os docentes responsáveis pelos estudos que compõem a obra deixam entrever, por meio de seus posicionamentos discursivos e de suas práticas sociais no cenário educacional, o seu comprometimento profissional e o seu crivo político-social em prol da garantia de uma boa qualidade em relação à formação de professores. Em meio a tantos entraves a serem enfrentados, os autores explicitam que é preciso fazer convergir os objetivos que se prestam a aprimorar, reestruturar e redimensionar o ofício docente. Em suas análises, esses estudiosos buscam mostrar que há horizontes possíveis no estágio e que os sujeitos imbricados no processo da formação docente podem seguir percursos formativos mais integrados, interacionais, produtivos e eficazes, beneficiando, por conseguinte, a construção da identidade dos futuros professores.

No capítulo intitulado “O papel do professor supervisor da escola no processo de estágio: uma análise da Resolução 02/2015 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais”, que principia os estudos da coletânea e convoca o leitor para o fomento de alterações sobre o estágio supervisionado, Luzia Bueno, Kátia Diolina e Rogério Tomaz buscam examinar como a Resolução 02/2015 apresenta

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa. Mestre em Linguística e Língua Portuguesa (PUC Minas). Bolsista CAPES.

o professor supervisor da escola e o seu papel na formação de futuros professores.

O estudo preconiza que é necessário ter cuidado com as atribuições que são feitas ao estágio, como a de “trabalho fácil”, sem o qualificar como disciplina. Os autores pontuam que é importante observar quando o processo de orientação é subestimado, sem a valorização devida, e que a relação entre escola e estagiários há de ser mais discutida, tendo em vista as críticas referentes à falta de diálogo entre as partes, à não “transparência” em relação ao que é desenvolvido durante o estágio, ao desconhecimento dos resultados das ações e, por vezes, à reprodução estrita, pelos estagiários orientados por professores supervisores, de práticas pedagógicas valorizadas como boas pela escola.

No processo de análise discursiva da Resolução 02/2015, Luzia Bueno, Kátia Diolina e Rogério Tomaz perceberam que o protagonismo da formação docente é atribuído às instituições formadoras e não aos professores. No desdobramento de suas ponderações sobre esse cenário, os autores fazem várias interpelações que ecoam no texto com ares de indignação e perplexidade, convocando e provocando o leitor a (re)pensar atentamente o tratamento discursivo dado pelo documento à figura do professor supervisor e ao seu papel no processo de estágio.

Com veemência e criticidade, os autores problematizam que, se o protagonismo do professor supervisor da escola não é contemplado na Resolução 02/2015, provavelmente ele não repercutirá nas avaliações institucionais, o que os leva a concluir que o docente poderá permanecer como figura invisível nos documentos e, sobretudo, nos processos de formação. Segundo os autores, esse cenário acaba ocultando o professor, não sendo profícuo para que os estagiários percebam os conflitos inerentes à profissão, exercitem a reflexão crítica sobre ela e, conseqüentemente, sobre as leis que a regulamentam.

No segundo capítulo da coletânea, “A professora no dizer da estagiária: algumas potências no/do estágio na formação inicial de professores”, Ana Lúcia Guedes-Pinto e Gilka Fornazari Batista examinam produções de estudantes da disciplina de estágio de um curso de Pedagogia durante um semestre, para desenvolver algumas reflexões concernentes à apropriação do trabalho docente. O estudo assume a centralidade da construção discursiva dos dizeres dos estagiários, tendo como *corpus* de pesquisa os relatórios produzidos por eles.

As autoras sinalizam no texto a visão de estagiário assumida nesse percurso: “professor aprendiz em exercício”. Na configuração da disciplina, a aula foi concebida/tomada pelas pesquisadoras como um dos espaços formativos por excelência, lugar privilegiado de interlocução entre todos os sujeitos envolvidos no processo de estágio. A questão da autoridade do estagiário aparece, nos discursos analisados, sempre oscilando em contextos em que transitam as figuras de professora titular e professora auxiliar. Há uma recorrência acentuada de marcas de tensão referentes a um lugar não definido, o que demonstra a falta de reconhecimento como professor (figura de autoridade pela classe) e a identidade docente em construção frente ao outrem.

As autoras apontam que os relatórios, coadunando com a perspectiva do fazer junto aos sujeitos da escola, apresentam movimentos e momentos de interação entre estagiários e alunos, isso, em grande parte, devido ao exercício da devolutiva, da atenção devotada, da alteridade e da legitimidade do lugar de fala do outro. Por meio da reflexão dos discursos manifestos nos relatórios, as autoras trouxeram à tona indícios de negociações de identidades em pleno curso do estágio, em cenários de conflitos e tensões permanentes e inerentes ao exercício/à formação docente.

O adentrar mais profundo no exercício da linguagem acadêmica por meio dos relatórios foi destacado como uma experiência expressiva para os estagiários exercitarem suas maneiras de se enunciar, assim suas projeções como agentes puderam ser retratadas e suas identidades como docentes em formação amplificadas. O estudo torna-se ainda mais significativo à medida que demonstra ao leitor como o olhar meramente avaliativo do professor em formação passa para uma visão mais reflexiva e

abrangente, que compreende o cotidiano escolar sob o viés das condições sociais de produção.

A importância de refletir sobre a formação inicial de professores, levando em consideração suas Representações Sociais (RS) a respeito da profissão docente, é discutida por Juliana Alves Assis, no terceiro capítulo — “Representações sociais sobre o professor na formação inicial docente: diálogos e confrontos”. Nesse capítulo, a autora examina as representações sociais que emergem de textos produzidos por estagiários de uma instituição de ensino superior mineira, pautando-se na questão “O que é um bom professor?”, a qual foi explorada no início e término da disciplina de estágio supervisionado, buscando provocar reflexões mais densas no percurso da construção/do desenvolvimento da formação inicial docente.

No processo analítico, a autora aponta para a necessidade do exercício da reflexão crítica sobre os discursos que constituem e atravessam os textos produzidos pelos professores em formação, visto que esse aspecto seria o ponto de partida para a realização de processos de ressignificações e reposicionamentos, os quais são imprescindíveis e devem ser contínuos, e sem os quais se compromete a construção da atorialidade do futuro professor. Sob essa perspectiva, a autora preocupa-se com as relações entre o dito e o não dito, assumindo o princípio de que todo dizer abriga (ou esconde) silêncios (ORLANDI, 1999).

No tocante às menções dos estagiários sobre as características do bom professor ou de ações docentes ligadas a essa entidade, a autora explicita que a figura do bom professor se desenha alicerçada em traços que dizem respeito aos aspectos afetivo-interacionais e/ou às condutas didáticas.

Ao discorrer sobre as representações sociais presentes nos discursos dos estagiários, Juliana Assis destaca a emergência bem como a prevalência da posição enunciativa de professor, combinada com a de professor em formação ou estagiário docente, em detrimento da posição de aluno. Na análise dos textos do segundo momento (término do curso), foi possível perceber atitudes reflexivas, (auto) questionadoras e mesmo opositivas em torno das visões de bom professor predominantes nos primeiros textos escritos. O adentrar e o experimentar no campo de estágio foram ações que promoveram movimentos de ressignificação do grupo de estudantes sobre a complexidade da prática docente.

Pode-se dizer que esse estudo releva, sobretudo, que refletir sobre a formação inicial de professores, considerando os discursos que a perpassam, em especial as representações sociais do futuro professor acerca do *métier* docente e do fazer docente, propicia um percurso formativo e investigativo bastante substancial para o âmbito acadêmico. Em consonância com essa perspectiva, é importante perceber que “a formação (e não apenas de professor) demanda o reconhecimento e o estranhamento das RS que nos falam e que em nós se silenciam. É preciso acordá-las, ouvi-las, enfrentá-las” (ASSIS, 2018, p. 83).

O capítulo “‘Entreí com a ideia desastrosa de que tudo daria errado, e...’: relato de experiência sobre o estágio supervisionado de um curso de Letras”, de Marília Curado Valsechi, por meio de textos do gênero relatório de estágio, analisa a presença de elementos linguístico-discursivos que indicam o processo de construção profissional em curso e apontam o estágio supervisionado como uma prática que envolve, de forma simultânea, as dimensões acadêmica universitária e profissional escolar.

Dada a coexistência dessas dimensões no processo de formação docente, ocorre, conforme a autora, o redimensionamento do ser-pensar-sentir de aluno para ser-pensar-agir de professor, mobilizado, principalmente, pela participação nas práticas letradas do estágio. A autora compreende o estágio como um “entrelugar” da prática letrada acadêmica e profissional, tendo um papel decisivo no fortalecimento do letramento do professor para o ingresso em seu local de trabalho como profissional.

Marília Valsechi defende práticas formativas fortalecedoras da identidade do professor que o legitimam como agente na produção do conhecimento ligado ao trabalho docente. A autora traz ao leitor as reflexões escritas por meio do relatório como destaque no processo de intervenção e interlocução

com o campo de estágio. Dessa forma, o relatório de estágio, permeado pela proposta de uma escrita-reflexão, é um instrumento indispensável para o processo de construção da identidade profissional de docente. O trabalho com a semântica de termos que representam o professor/o trabalho docente possibilitou a observação dos reposicionamentos identitários marcados pelas relações antitéticas expostas nas apreciações dos estagiários no início e no final do estágio.

No quinto capítulo, “Estágio supervisionado: instância constitutiva do ser professor(a) de línguas”, Luciani Salcedo de Oliveira dedica-se ao exame dos discursos de cinco professores estagiários em Língua Inglesa (licenciandos do Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Federal do Rio Grande - FURG) sobre a constituição de sua identidade profissional a partir de suas experiências docentes no contexto da escola pública. Para tanto, a autora concentra suas análises nos comentários críticos dos estagiários com base em um vídeo retrospectivo e um texto reflexivo final tematizando a seguinte questão: “O que aprendi, enquanto professor(a) de Língua Inglesa, durante meu estágio?”. Procedendo dessa forma, ela consegue reunir indícios a respeito do modo como eles se percebem como futuros professores de língua em ação/atividade.

A autora salienta que é importante para o futuro professor refletir mais detidamente sobre a sua construção identitária, descrevendo, analisando e interpretando o seu processo de formação docente inicial e em curso, para que possa ressignificá-la sempre que for necessário.

Conforme a textualização dos futuros professores, o estágio supervisionado é concebido como um momento de amadurecimento, crescimento e pertencimento — um locus de formação crítica. Há de se destacar que o estudo oferece subsídios consistentes para uma discussão sobre responsabilidades da licenciatura na construção identitária docente, problematiza sobre os papéis sociais assumidos por futuros professores e por professores educadores e busca evidenciar a escola pública como espaço sociocultural e educacional indispensável para a constituição da identidade docente.

Em “Relatos de professoras em formação sobre o agir docente: uma análise a partir dos mecanismos enunciativos”, Luana Francisleyde Pessoa de Farias e Tatiana Fernandes Sant’ana se debruçam sobre o agir docente e a construção identitária de duas professoras em formação. As autoras analisam, em dois relatórios de estágio, mecanismos enunciativos que permitem perceber os posicionamentos dessas estagiárias em relação à atuação/prática docente e as suas tentativas de construir vozes autorais.

Ao produzirem os relatórios, as estagiárias conseguiram exercitar a escrita acadêmica, reconstruir as suas ações, refletir sobre as suas práticas e repensar a respeito do agir docente, valorizando ações para além da sala de aula. A experiência no campo de estágio trouxe à tona uma série de subtemas relevantes à formação inicial, como: as condições de trabalho dos professores, a crise identitária docente, as diversas facetas do ofício docente, dentre outras questões importantes. Essa fase de aprendizagem possibilitou a criação de espaços de problematização e esclarecimentos sobre alguns percalços e conflitos que estão nos eixos interno e externo do processo de formação docente. Por meio dos dados do estudo, as autoras evidenciaram a importância do relatório não só como um gênero acadêmico, que contribui para o processo de letramento das estagiárias, mas, sobretudo, como um caminho para (res)significarem o seu agir docente.

Considerando os posicionamentos discursivos das estagiárias, Luana Farias e Tatiana Sant’ana acentuam, para o leitor, a necessidade de haver estreitamento real e produtivo nas relações intersociais e interinstitucionais entre o professor regente da turma e o estagiário, com vistas a propiciar momentos de intercâmbio de saberes e experiências, amenizando os possíveis momentos de incômodos que possam surgir e possibilitando que os conteúdos e as propostas de atividades a serem implementados no decorrer desse percurso não sejam tratados como adendos, mas sim como parte colaborativa e de relevância para a aprendizagem dos estudantes. Esse movimento, essencial, favorece a manifestação do docente em uma perspectiva dialógica que busca reverberar o respeito entre os pares.

No sétimo capítulo, “The core of this language teacher training programme is supervised

practicums”, Phil Quirke apresenta o currículo do Programa do Bacharelado em Educação para o Ensino de Língua Inglesa na Escola Bachelor of Education in English Language Teaching in Schools, oferecido pelos Institutos Superiores de Tecnologia dos Emirados Árabes.

Desenvolvida por Burton (2005; 2009), a abordagem “Reflective writing typology” forma a base dos trabalhos e procedimentos de/para a reflexão dos estagiários durante o Programa de Bacharelado em Educação. Essa abordagem é apresentada como uma série de passos que deslocam professores da simples descrição do que aconteceu na sala de aula para aprofundar teoricamente e encorajar a investigação de crenças sobre língua, aprendizagem, pedagogia e psicologia. Nesse processo, é salutar dar ao estagiário *feedback* sobre as competências de ensino, a fim de que ele identifique as áreas para se desenvolver melhor, e também é preciso buscar esclarecer para sinalizar em que áreas o estagiário está progredindo bem em sua prática do exercício docente.

Pelo cenário exposto por Phil Quirke, percebe-se que a integração da aprendizagem acadêmica da disciplina e a sua aplicação prática no lugar do trabalho podem ser um caminho profícuo e auspicioso, que deve ser empreendido levando em consideração que aprender a ensinar requer experiências e contextos que envolvam reflexão, colaboração, aprendizagem relacional, criação de comunidades de pesquisa/investigação e conhecimento sobre as múltiplas dimensões que constituem o conhecimento profissional.

Leila Kajee, no oitavo capítulo da coletânea, “Pain, discomfort and safe spaces: pré-service teachers negotiating and engaging with social justice”, apresenta visões de como professores em formação, no final do ano de especialização em educação de línguas, comprometem-se com noções de justiça durante um programa de trabalho integrado de sete semanas nas escolas. A autora busca analisar os depoimentos de alunos da disciplina Estágio Supervisionado (Pre-service Training) em um curso com currículo integrativo, inspirado nas teorias dos programas de Aprendizagem Integrada ao Trabalho (Word integrated learning). Sob essa perspectiva, no modelo desenvolvido na Universidade de Johannesburgo, alunos do último ano do curso são provocados a refletir sobre justiça social na escola e ativismo na docência.

A autora pontua que a “Pedagogy of Discomfort” é uma grande aliada para que os alunos/estagiários enfrentem a dor, os obstáculos, as diferenças e consigam se engajar e se comprometer com a justiça social na escola, no exercício da docência. Considerando os discursos dos estagiários, Leila Kajee ressalta que a prática de ensino deve amalgamar conhecimentos, quadros interpretativos, estratégias de ensino, métodos e advogar/atuar com e para os estudantes, pais, colegas de classe, comunidades e movimentos sociais (COCHRAN-SMITH, 2010).

Durante o período de pré-serviço, tendo por base a intenção deliberada, torna-se necessário, como assevera a autora, propiciar contextos social, intelectual e organizacional, visando ao preparo de professores para o ensino que projete primordialmente a justiça social, objetivando tanto transformações individuais quanto sociais no tocante ao corpo discente. Além disso, a autora salienta que os problemas devem ser nomeados e confrontados e que deve haver o comprometimento emocional dos professores para com os estudantes no mundo deles, nas situações conflituosas nas quais possam se encontrar. Essa provocação ao embate reflexivo sobre justiça social, posto no exercício da conscientização e no crivo do agir docente, é uma das mais relevantes contribuições que Leila Kajee apresenta ao leitor por meio de seu estudo.

No capítulo “Gêneros de discurso na formação — saberes em diálogo na constituição da identidade acadêmica e profissional”, Maria Angela Paulino Teixeira Lopes analisa como se configura a constituição identitária no processo de formação. O exame busca contribuir para a compreensão das representações sobre os saberes construídos em uma experiência de formação em contexto de alternância, isto é, entre os saberes do contexto acadêmico e os saberes da vivência profissional, no

campo (VANHULLE, 2015).

Ao observar a mobilização de estratégias de posicionamento enunciativo de estudantes-estagiários, a autora obteve indícios que sinalizam que a constituição identitária se realiza no movimento de deslocamento (ir e vir) entre o contexto de formação na universidade e a vivência profissional no campo. Conforme a autora, é nesse movimento entre as instâncias formadoras que a identidade é construída, em pleno e contínuo enfrentamento dos conflitos decorrentes de representações emergentes das interações nas duas instâncias.

No *corpus* do capítulo, considerando a discursivização das experiências dos estagiários, Maria Angela Lopes reitera a necessidade de que as práticas formativas sejam constituídas e (re)estruturadas com mais criticidade e zelo. Em seus apontamentos, ela ressalta a importância de haver espaços de interação em que, pelos processos de discursivização, seja permitida a escuta dos futuros docentes, a fim de apreender o processo de produção de conhecimentos significativos e essenciais ao exercício docente e o processo de constituição de sua identidade. Esse procedimento e os princípios adotados pela autora demonstram uma preocupação com a compreensão do agir profissional sob uma perspectiva holística e integrada.

O estudo de Lopes chama a atenção para as ações formativas que visem ao estreitamento dos vínculos, diálogos e trocas de experiências mais efetivas entre universidade e escolas da Educação Básica, por meio da releitura consciente e consistente de práticas e sistematização de conhecimentos e saberes escolares e profissionais, com vistas a contribuir para a produção de novos conhecimentos e a melhoria da qualidade da educação.

Finalizando a coletânea, o capítulo de Angélica A. M. Maia, Betânia P. Medrado e Carla L. Reichmann, “Horizontes e caminhos para a escuta de estagiários: um suleamento necessário”, apresenta uma experiência produtiva e exitosa para estagiários terem a compreensão de um contexto de produção inovador. Nesse estudo, as autoras explicitam e problematizam algumas dimensões teórico-práticas da formação e atuação de professores de língua inglesa.

O contexto de produção inovador que as autoras trazem à cena para exemplificar uma experiência eficaz para estagiários remete ao Seminário de Estágio Supervisionado em Línguas Estrangeiras da Universidade Federal da Paraíba. Esse seminário é assumido como um espaço formativo que faz parte do estágio curricular, promovendo a criação de contextos de letramento acadêmico-profissional de natureza multimodal.

Por meio das análises dos modos de dizer de três professoras-estagiárias e pelos processos de textualização de suas vivências do estágio, as autoras argumentam como o seminário oportuniza a partilha de experiências e possibilita a existência de um estado de empatia entre os futuros professores, provocando um exercício de alteridade, posto que cada professor em formação vai se construindo/constituindo, de forma constante, como parte de uma história coletiva.

A relação letramento acadêmico-profissional de natureza multimodal propiciada pelo seminário, promovendo a valorização dos modos peculiares de construção de sentidos de cada ator envolvido nas tarefas, o trabalho em equipe de natureza colaborativa e o respeito às diferenças entre formas diversas de avaliar o ofício do professor foram considerados, sob a ótica das autoras, caminhos propícios para um processo de formação acessível e inclusivo para os professores em formação inicial, assim como para todos os demais atores envolvidos no percurso formativo.

Além disso, cabe pontuar que a escuta dos estagiários se consolidou como mais um espaço para a produção de conhecimento e troca de experiências. Considerando esse espaço formativo — um “suleamento possível”, em que vozes de professores em formação se constituem e se atravessam, Angélica Maia, Betânia Medrado e Carla Reichmann vislumbram o horizonte rumo a uma formação que seja situada e muito mais dialógica.

Em consonância com a configuração socioeducacional em que nos encontramos e por apresentar

estudos de *corpora* constituídos de análises discursivas direcionadas a uma melhor compreensão e problematização dos vários aspectos que constituem a identidade profissional docente, a obra **Horizontes (im)possíveis no estágio**: práticas de letramento e formação de professores de línguas pode ser tomada como um referencial de pesquisa relevante no âmbito acadêmico, principalmente quando se busca a integração de aspectos acadêmicos e profissionais na formação inicial do estudante das Licenciaturas em Línguas e de Pedagogia — um dos horizontes possíveis e imprescindíveis ao exercício docente retratados pela coletânea.

Devido ao teor dos estudos e das experiências que compõem a coletânea, percebe-se o seu expressivo potencial de práticas de letramento e de formação de professores de línguas, aspecto que pode fortalecer, sobremaneira, o trabalho docente, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior.

Os discursos dos estudos que constituem a obra, os quais aparecem nas vozes de professores universitários da disciplina Estágio Curricular Supervisionado e nas de seus alunos em processo de formação inicial docente, mostram que é possível a conexão entre a universidade e a escola, por meio de situações e intervenções que envolvam: novas práticas pedagógicas, novos gêneros formativos, problematizações instigantes, engajamento real com as histórias relatadas em portfólios e relatórios. Esses elementos fazem com que a experiência de estágio se manifeste por meio de práticas sociais em que as esferas, sejam elas escolar e universitária, estudantil e profissional, se (re)conheçam e se permeiem. Todavia, há de se salientar que isso só ocorre quando há docentes universitários que realmente acreditam nesse processo de formação docente e promovem essa mobilização em função da efetiva integração de aspectos acadêmicos e profissionais na formação inicial docente.

Recebido: 20/03/2019

Aceito: 19/07/2019

Referências

ASSIS, Juliana Alves. Representações sociais sobre o professor na formação inicial docente: diálogos e confrontos. In: REICHMANN, Carla Lynn; GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. (org.). **Horizontes (im) possíveis no estágio**: práticas de letramento e formação de professores de línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. p. 67-83.

BURTON, J. Reflective writing – Getting to the heart of teaching and learning. In: BURTON, J.; QUIRKE, P.; REICHMANN, C.; PEYTON, J. K. (ed.). **Reflective writing**: A way to lifelong teacher learning. TESL-EJ Publications, 2009. Disponível em: <<http://www.tesl-ej.org/wordpress/books>>. Acesso em: 09 set. 2019.

BURTON, J. The importance of teachers writing on. TESOL. **TESL-EJ**, v. 9, n. 2, p. 1-18, 2005. Disponível em: <<http://tesl-ej.org/ej34/a2.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2019.

COCHRAN-SMITH, M. Toward a theory of teacher education for social justice. In: FULLAN, M. *et al.* HARGREAVES, A.; HOPKINS, D.; LIEBERMAN, A. (ed.). **The International handbook of educational change** (2nd ed). Springer Publishing, 2010.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

VANHULLE, S. (Se) former dans l'alternance: des mondes de discours en dés-équilibre. In: BALSLEV, K. *et al.* CARTAUT, S.; FILLIETTAZ, L.; VINATIER, I. (org.). **La part du langage**: pratiques professionnelles en formation. Paris: L'Harmattan, 2015.